



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TAWANE MARIA SANTOS GOMES

ENTRE FAVELADOS, MULAMBOS E URUBUS: O RACISMO NA  
HISTÓRIA DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO.

ARACAJU

2022

TAWANE MARIA SANTOS GOMES

ENTRE FAVELADOS, MULAMBOS E URUBUS: O RACISMO NA HISTÓRIA DO  
CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO.

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Departamento de História  
da Universidade Federal de Sergipe como  
requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mariana Bracks  
Fonseca

ARACAJU

2022

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	4
SEIS JOVENS REMADORES FUNDAM O GRUPO DE REGATAS .....	6
COBRA-CORAL, PAPAGAIO VINTÉM, VESTI RUBRO-NEGRO NÃO TEM PRA NINGUÉM.	8
FUTEBOL: RACISMO E O NEGRO NO FUTEBOL CARIOCA .....	10
“FESTA NA FAVELA” FLAMENGO E A FAVELA DA PRAIA DO PINTO .....	16
DO MARINHEIRO POPEYE AO URUBU.....	21
“E PRA VOCÊ FLAMENGUISTA ME ESCUTA, MULAMBO IMUNDO!” .....	26
“HONRE SEMPRE SUA HISTÓRIA, TUA GLORIA É LUTAR” .....	29
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	31
FONTES.....	32

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema *Entre Favelados, Mulambos e Urubus: O Racismo na História do Clube De Regatas Do Flamengo*. Onde o objetivo é abordar a história dos símbolos racistas que fazem parte da história do Flamengo com o propósito de disseminar essa parte da história do clube, mas, principalmente, como uma forma de protesto contra o racismo no futebol brasileiro. A escolha deste tema surgiu das necessidades de compreender e conhecer a história do clube e fazer com que outros torcedores também possam ter o conhecimento. Pesquisar e escrever sobre o Flamengo é mais uma forma de vive-lo, logo, essa monografia se faz uma declaração de amor ao clube, que merece ter sua história contada a todo flamenguista.

Assim sendo, esta monografia vem mostrar como o Flamengo passou de um clube aristocrata de brancos, para um time de Favelados, do Urubu, dos Mulambos. Qual foi o ponto de virada? A história do clube começa quando um grupo de amigos moradores da praia do Flamengo tiveram a ideia de criar um clube de Remo, pois, estavam cansados da presença constante de outros remadores, especialmente os do Botafogo. Em setembro de 1895 nasceu o Clube De Regatas Do Flamengo, no começo, se dedicava apenas ao remo, todavia, diante de uma constante pressão, o remo passou a disputar espaço com o futebol.

Futebol é um esporte que nasceu na aristocracia inglesa, logo, quando chegou ao Brasil também era praticado por brancos aristocratas. O cenário nacional era de uma Lei Áurea recém sancionada, não existia políticas públicas para proteger o negro ou integra-lo na sociedade. E em relação ao futebol, para eles restavam as ruas ou terrenos baldios. Para jogar futebol precisava ser branco, de boa família, universitário. Porém, tudo mudou quando o Vasco foi campeão carioca em 1923 com um elenco misto de brancos e negros. Os grandes clubes (Flamengo, Botafogo e Fluminense) acharam um absurdo, afinal como pode um time com esse elenco ganhar um campeonato? A reação foi criar a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) que teve como objetivo retirar o negro do futebol.

É importante colocar a o Flamengo como time que também colaborou para o racismo quando, junto com outros clubes, tentou fazer com que o negro não tivesse espaço no futebol carioca, justamente por isso é tão curioso o fato do clube, anos depois, ser vítima cruel de tantos movimentos racistas.

A pesquisa é fundamentada em jornais do século XX, a exemplo do Jornal dos esportes, Acervo O Globo, Manchete, O paiz, Correio Da Manhã, Ultima Hora, Acervo O Dia, A noite, Jornal Do Brasil. Entrevistas da FlaTv a respeito do maior símbolo do clube. O uso de cantos das torcidas que se dispõe a lutar contra o racismo e modificar seus hinos. Além das referências bibliográficas que enriquecem e apoiam a pesquisa.

O racismo faz parte da história do Flamengo, é um fato inegável, tanto como propagador, mas principalmente como receptor. A participação do racismo faz parte da história da instituição.

## **SEIS JOVENS REMADORES FUNDAM O GRUPO DE REGATAS**

No final do século XIX, o Brasil vivia uma república recém nascida, a lei áurea tinha acabado de ser sancionada e agora o “ex escravo” tinha que conviver com a realidade dura da vida pós escravidão. Sem trabalho, sem um lar e em sua maioria analfabetos, a alternativa era buscar vender seus trabalhos nas antigas fazendas em busca de sobrevivência. E outros foram para as cidades, onde lhe restaram os subempregos os artesanatos, por isso, aumentou significativamente o número de empregadas domésticas, cozinheiras e babás. No comando do país, Prudente de Moraes. A Primeira República (1889-1930) foi marcada por um período de crises econômicas, pouca participação popular, em especial das classes mais baixas da sociedade. O país estava passando por uma mudança de características, de rural para o início da urbanização. Contudo, a grande maioria da população permanecia sem instrução e a cultura ou debates culturais eram dedicados as elites brasileiras, assim como o esporte.

No meio esportivo, o interesse popular era o remo, os domingos pertenciam as regatas. Era improvável que uma partida de futebol fosse marcada na mesma tarde que uma competição de remo estivesse acontecendo, o fracasso era tido como certo. O futebol era coisa de estrangeiro.

“Como o futebol podia competir com o remo? Os clubes de remo não precisavam se preocupar com os matches de futebol. Os clubes de futebol, sim, é que precisavam se preocupar com as regatas. Tratando de saber, com antecedência, as datas das regatas. Para dar férias às suas torcidas, aos seus times” (FILHO,2010, p.48)

No Rio de Janeiro era comum cada bairro ter o seu clube de regatas. Foi assim com o Botafogo, o Fluminense. Foi então que um grupo de amigos moradores da praia do Flamengo tiveram a ideia de criar um clube de remo, pois, estavam cansados da presença constante de outros remadores, especialmente os do Botafogo. Numa noite de setembro de 1895, Nestor de Barros, Jose Agostinho Pereira da Cunha, Augusto Silveira, Mario Espínola, Jose Felix da Cunha Meneses e Felisberto Laport idealizaram criar um clube de regatas para disputar com os outros já existentes.

Em setembro de 1895 nasceu o clube de regatas do Flamengo, porém, ficou decidido que a data oficial de criação do clube seria em 15 de novembro de 1895, e permanece até hoje.

## **Cobra-Coral, Papagaio Vintém, vesti rubro-negro não tem pra ninguém**

No começo, o clube se dedicava apenas ao remo, “A paixão pelo futebol. Era isso que assustava o clube de remo. De tal modo que foi uma luta convencer o Flamengo a entrar para o futebol” (FILHO, 2010, p.54). O cenário mudou quando o clube ganhou metade dos jogadores do Fluminense que estavam de saída, recebendo-os, receberiam novos sócios, e com os sócios, novos torcedores. Era um negócio favorável ao Flamengo. E em 1911 o remo passou a disputar espaço com o futebol. Não foi uma missão fácil convencer o clube a combinar os dois esportes, mas acabou cedendo, contanto que nada pudesse tirar o estrelismo que o remo trazia.

O Flamengo fazia questão de separar o remo do futebol, deixando um manto para cada esporte. O de grossas listras horizontais, pretas e vermelhas, era do remo. A do futebol quadriculada em vermelho e preto para distinguir o remo do futebol. O manto passou a ser chamado de “papagaio de vintém”, mas não foi bem aceita.

“Lembrava mesmo um ‘papagaio de vintém’, com os quadrados enormes, pedaços de um imenso tabuleiro de xadrez. Os jogadores sentindo-se mal com aquela camisa. Píndaro de carvalho chegando a dizer que o flamengo perdia por causa da camisa. Uma camisa daquelas, ‘papagaio de vintém’, só podia dar azar.” (FILHO,2010, p.55)

Figura 1- Time de futebol com manto papagaio de vintém



fonte: <https://www.flamengo.com.br/historia-inicio>

Data de acesso: 05/03/2022

Diante disso, um novo manto nasceu, e passou a ser chamado de “cobra coral” em 1914, a equipe passou a atuar com a "Cobra-Coral", preto e vermelho com listras finas e brancas e foi utilizada pela equipe do primeiro título estadual.

Tempos depois, o manto “Cobra Coral” foi retirado devido a comparação do manto com a bandeira alemã. O fato aconteceu devido a bombardeamentos de navios brasileiros pelos alemães, em 1942, durante a segunda guerra mundial.

Figura 2- manto cobra coral



Fonte: <https://www.flamengo.com.br/historia-inicio> Data de acesso: 05/03/2022

## **Futebol: racismo e o negro no futebol carioca**

Futebol é um esporte que nasceu na Inglaterra no século XIX e de cara se tornou um esporte bastante popular, iniciado nas escolas da burguesia inglesa e algumas universidades, principalmente a de Cambridge. Essas instituições tiveram um papel importante da criação do esporte, que se popularizou rapidamente e logo passou a ser praticado em botequins e escolas públicas. O futebol não tinha regras, por isso acabou se tornando um esporte muito violento, mas, como tinha se popularizado bastante e muito rápido, não conseguiram impedir que fosse praticado, então, em 1863, na Inglaterra, foi criado as regras através da Football Association.

“Dito isto, entretanto, esmagadoras evidências apontam para as escolas públicas e universidades (particularmente ade Cambridge), como sendo o principal local onde não somente a modernização do football ocorreu, mas também, e mais importante, a bifurcação que deu origem ao futebol moderno e ao rúgbi.” (GEBARA, PILATTI, 2006, p.58)

Além disso, sua popularidade se deu pelas próprias características do esporte

“São fartas as razões para o seu sucesso, e não são difíceis de compreender. O esporte requer pouco equipamento, é relativamente barato de praticar e suas regras são fáceis de serem compreendidas.” (ARAÚJO, Danilo Lucas Lopes de, e Cesar Gomes da SILVA, 2018)

O futebol chegou no Brasil em 1894 através de Charles Miller, brasileiro filho de britânico, que, ao viajar para Inglaterra, trouxe o futebol na bagagem.

“Inicialmente, o futebol foi praticado pela elite brasileira da época e não havia muito espaço para os operários de fábricas e negros praticarem o esporte recém-chegado ao Brasil. Nesta época, o esporte era um produto da sociedade burguesa industrial, tanto na Inglaterra, como no Brasil.” (ARAÚJO, Danilo Lucas Lopes de, e Cesar Gomes da SILVA, 2018)

Contar como se deu a inserção do negro no futebol brasileiro é um passo para chegar até ao coração do trabalho, para isso, vale a pena destacar um dos primeiros estudos sobre o assunto e o mais famoso também: *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho. Nas arquibancadas, flamenguistas, cantam que “O maraca é nosso”. Maraca vem de Maracanã, apelido carinhoso para o Estádio Jornalista Mário Filho, pois é, o nome do Maracanã foi uma homenagem para um jornalista que fez história no Rio de Janeiro pela sua dedicação ao futebol. Autor de: “*O negro no futebol brasileiro*” e “*Histórias do flamengo*”, esteve à frente do Jornal dos Sports, e também já foi citado em muitos estudos como responsável pelo início da popularidade do Flamengo.

Fato é que Mario filho além de um pioneiro na pesquisa do racismo no futebol, também é um dos mais utilizados pela sua proximidade com os fatos. A principal referencia bibliográfica da presente pesquisa é: “*O negro no futebol brasileiro*”, um estudo sobre o futebol carioca e como o negro, tido ainda como inferior, teve que enfrentar

para seguir no futebol.

Apesar de uma lei áurea recém sancionada, o negro teve outro grande desafio, a inserção na sociedade. Sem moradia, emprego e em sua maioria analfabetos. Ainda era visto como inferiores, não existia políticas públicas de integração para auxiliar e proteger. Por isso, muitos negros viviam nas mesmas condições que antes da lei ser sancionada. A elite branca já não podia mais repetir os mesmos comportamentos escravocratas de antes, então, usavam da arma da discriminação para reafirmar sua superioridade.

“Se durante a escravidão os negros já eram desprezados por serem considerados inferiores, após a Abolição esse desprezo só aumentou. Ora, se não eram inferiores, por que não progrediram como os imigrantes que chegaram aqui com tão pouco e logo tinham alcançado algum avanço? Somando – se um mito após o outro, inferioridade, vagabundagem, incompetência, foi -se esboçando o perfil do homem negro como anticidadão, como marginal.” (Santos. 2006, p.119)

O contexto do início do futebol no Brasil era um reflexo do que a sociedade apresentava na época, não é difícil de imaginar e acreditar que o início do futebol no Brasil só contava com a presença dos brancos universitários e com grandes poderes financeiros. Não bastava ser bom jogador, tinha que ser “de boa família” para entrar nos clubes grandes.

“Os moleques que jogavam futebol nas ruas, nos terrenos baldios, não sonhavam em vestir a camisa do fluminense ou do botafogo. Sabiam para onde tinha de ir, sem errar o caminho. Todos sabiam para onde ir. Os moleques para os clubes pequenos, os garotos de boa família para os clubes grandes” (FILHO,2010, p.51)

Ou seja, no início do século XX, jogador preto não ia para os campos, ia para as peladas, o mérito não era ser bom e ter talento, tinha que ser branco e de boa família. E isso, obviamente se dava por conta da grande sociedade racista que existia no final do século XIX e início do século XX, que permaneciam com os mesmos ideais de superioridade de antes. O negro não era escravizado, mas foi obrigado a seguir nos subempregos, principalmente os que migravam para as cidades que acabaram por servir de pedreiros, marceneiros, e as mulheres de babás ou empregadas domésticas. Os libertos não tinham suas terras, seus lares, o que contribuiu para que, na pirâmide social, fossem vistos como marginais, fora da sociedade ou a margem dela.

O racismo no futebol é mais uma linha de formação de uma sociedade que não aceitava o negro inserido nela com dignidade. Na elite do futebol carioca, todos achavam

que o branco jogava mais e ganhava mais que o preto. E de fato ganhavam, pois, só tinha brancos nos times. Mas quando e como isso mudou?

O pioneirismo se deve ao The Bangu Athletic Club, que aceitou negros e trabalhadores de fábricas. E ao Clube De Regatas Vasco da Gama, que ao subir para primeira divisão, ganhou o campeonato carioca em 1923 com seu elenco formado por jogadores negros.

“A ilusão durou pouco, os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada” (FILHO,2010, p.126)

Ser campeão nessas condições, acabou mexendo na ferida dos clubes da elite carioca. Sim, a pesquisa se dedica a explicar os maiores casos de racismo que o Flamengo sofreu no século XX e todas as “consequências” que hoje fazem parte da história do clube. Mas, para chegar nesse ponto, é extremamente importante construir o conhecimento e contextualizar a história do clube. Flamengo, fluminense, botafogo e américa faziam parte da elite do futebol carioca, com jogadores brancos, universitários ou com bons empregos, esse era o pré-requisito para ser um jogador de futebol.

Ao ganhar o campeonato com o elenco formado por jogadores negros, o Vasco causou uma reação dos clubes da elite, que desejavam voltar aos “bons tempos do futebol”, ou seja, o futebol para brancos. A reação foi criar uma espécie de liga, e em 1924 nascia a AMEA, formada pelos grandes clubes da elite carioca (Flamengo, Botafogo, Fluminense, América e Bangu)

“Assim, a fundação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) é apontada pelas narrativas como um dos principais indícios ou prova da mentalidade racista/segregacionista que rondou o futebol carioca na década de 20.” (SOARES, A. J, 2014, p.126)

O futebol carioca era regido pela METRA, porém, os grandes clubes começaram a ficar incomodados com a administração popular da mesma e sugeriram uma reformulação. Nada feito. O jeito foi criar uma nova liga e voltar ao que chamavam de “profissionalismo” do futebol. Então, no dia 01 de março de 1924, a manchete estampou: “OS DISSIDENTES DO FOOTBALL CARIOCA FUNDARAM HONTEM A ASSOCIAÇÃO METROPOLITANA DE ESPORTES ATHLETICOS- AMEA”

Poderia fazer parte da AMEA quem preenchesse os requisitos para a participação, o Vasco até tentou, mas para fazer parte, tinha que eliminar 12 jogadores negros de seu elenco, pois, não preenchiam os requisitos solicitados pela mesma.

Foi então que no dia 07 de abril de 1924, o presidente do Vasco emitiu o ofício que hoje é considerado um marco na luta antirracista do século XX

Figura 3- ofício emitido pelo presidente do Vasco em resposta a AMEA

**Notas do dia**  
**O OFFICIO DO VASCO DA GAMA**  
**A' A. M. E. A.**

Só agora terão os leitores conhecimento do officio enviado pelo C. R. Vasco da Gama á Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. Essa entidade, de posse do alludido officio, concedeu, na sessão de domingo ultimo, o desligamento deste club.

Abaixo transcrevemol-o:  
"Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924 — Officio n. 261 — Exmo. Sr. Dr. Arnaldo Guinle, muito digno presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos—As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de hontem pelos altos poderes da Associação a que V. Ex. tão dignamente preside, collocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade, que absolutamente não pôde ser justificada, nem pelas deficiências do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa séde, nem pela condição modesta de grande numero dos nossos associados.

Os privilegios concedidos aos cinco clubs fundadores da A. M. E. A., e a fórma por que será exercido o direito de discussão e voto, e feitas as futuras classificações, obrigamnos a levar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto á condição de eliminarmos doze dos nossos jogadores das nossas equipas, resolveu, por unanimidade, a directoria do C. R. Vasco da Gama não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consocios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação, nem defesa.

Estamos certos que V. Ex. será o primeiro a reconhecer que seria um acto pouco digno da nossa parte sacrificar, ao desejo de fazer parte da A. M. E. A., alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras victorias, a do campeonato de foot-ball da cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores, jovens, quasi todos brasileiros, no começo da sua carreira, e o acto publico que os pôde macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que elles com tanta galhardia cobriram de glorias.

Nestes termos, sentimos ter que communicar a V. Ex. que desistimos de fazer parte da A. M. E. A. Queira V. Ex. aceitar os protestos da maior consideração e estima de quem tem a honra de se subscrever, de V. Ex., att. vnr. e obro. — José Augusto Prestes, presidente."

Resposta publicada pelo jornal O PAIZ em 16/04/1924.

Fonte: <https://www.netvasco.com.br/n/228415/resposta-historica-completa-95-anos>

Data de acesso: 21/04/2022

## Transcrição:

“Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924

Ofício no. 261

Exmo. Sr. Arnaldo Guinle, M.D. presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos.

As resoluções, divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação, a que V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Club de Regatas Vasco da Gama em tal situação de inferioridade que, absolutamente, não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma como será exercido o direito de discussão e voto, e as futuras classificações, obriga-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto a condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve, por unanimidade, a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos con-sócios, investigações levadas a um tribunal, onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se a AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras vitórias, a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens, quase todos brasileiros, no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles, com tanta galhardia, cobriram de glórias.

Nestes termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA.

Queira V. Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de quem tem a honra de se subscrever de V. Exa. Att. Obrigado.

Dr. José Augusto Prestes – Presidente” (O PAIZ, 1924)

O racismo no futebol do início do século XX, pode ser analisado à luz do pensamento do autor, advogado, jurista e filósofo Silvio De Almeida quando o mesmo cita que que as práticas racistas resultam em desvantagens ou privilégios para os indivíduos, a depender do grupo racial que pertençam.

“Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” (ALMEIDA, 2019, p.22)

Entender a história do negro no futebol brasileiro e o papel do Flamengo na propagação e manutenção do racismo no futebol é a questão central dessa presente pesquisa. E se faz essencial para questionar como o clube aristocrata e com elenco branco se tornou o clube das massas, dos favelados, do urubu, dos mulambos. Diante dos fatos apresentados, como pode um time que relutou a “aceitar” o preto como protagonista do futebol ter tantos casos de racismo na sua história?

Tanto no remo, quanto no futebol, o Flamengo nasceu como clube de elites. Os jogadores eram brancos, estudantes de medicina. “O Flamengo levantou dois campeonatos seguidos, o de 14 e o de 15, com um time quase de acadêmicos de medicina” (FILHO, 2010, p. 101)

O futebol era um esporte seletivo e para pessoas consideradas de classe. Mas quando esse cenário começou a mudar? Qual foi o ponto de virada que levou o clube de regatas do Flamengo a ser o clube das massas, o mais querido? E além disso, quando o Flamengo se tornou um clube com torcedores e elenco vistos como “Favelados”, “mulambos” e “Urubus”?

O ponto principal dessa virada veio em 1932 quando o Flamengo precisou de uma nova sede, pois sua antiga localizada no Flamengo não poderia mais ser utilizada pelo clube. Então, foi cedido um terreno que ficava localizado na Lagoa.

## **“FESTA NA FAVELA” : Flamengo e a favela da praia do pinto**

É comum nas arquibancadas os torcedores cantarem que “Hoje tem festa na favela” quando o time ganha. Isso vem de uma ideia que todo torcedor do Flamengo é favelado, mas, como surgiu essa visão de um clube de favelados?

O Rio de Janeiro é sempre ovacionado pela sua beleza, suas paisagens, seu réveillon e seu carnaval. As favelas também fazem parte da imagem do Rio, porém, sem muito glamour. As favelas começaram a surgir no final do século XIX, quando a lei áurea foi sancionada. Não existiam políticas públicas para proteger o agora “ex escravo”, que sem trabalho formal e sem moradia, a única opção foi viver em assentamentos informais. As favelas foram frutos da união de muitos ex escravos ou trabalhadores rurais que se uniram e começaram a ocupar os espaços vazios que hoje conhecemos como as grandes favelas do Rio de Janeiro.

Não é difícil de imaginar o porquê do grande estigma do “Ser Favelado”, o negro saiu da senzala e foi pra favela. O mesmo preconceito que existiu com o negro escravo, hoje existe com o negro da favela, que é constantemente visto como marginal.

Voltando ao Flamengo, a presente pesquisa tem o objetivo de defender que, o motivo pelo qual o clube é taxado como “Time de favelados” se dá pela localização geográfica do clube com a Favela Da Praia Do Pinto.

A Favela Da Praia Do Pinto foi um conjunto de favelas que existiu próximo da lagoa Rodrigo de Freitas, no bairro do Leblon. Teve seu pico de crescimento entre 1930 e 1940.

“No início da década de 1940, do século XX, esse conjunto de favelas possuía cerca de 3.500 habitações, das quais a Favela da Praia do Pinto era a maior e a mais desprovida de condições mínimas de saneamento e espaço para os seus moradores. A falta de espaço acarretava a alta rotatividade dos seus habitantes, que parte da semana permaneciam na casa de parentes e a outra parte nos seus barracos na Comunidade” (FERREIRA, 2013, p. 55)

O clube de regatas do flamengo ficava localizado no bairro do Flamengo, o que deu origem ao nome, porém, em 1932, sem condições de manter o aluguel da sede, o clube se mudou para um terreno na Lagoa, cedido pelo presidente Getúlio Vargas. Terreno esse que ficava ao lado da Favela Da Praia Do Pinto.

“O atual estádio do Flamengo, construído em 1939 nos arredores da Favela da Praia do Pinto, onde o clube realizava as suas partidas, possivelmente fora um local onde os moradores da favela puderam desfrutar do contato próximo com os jogadores do clube, iniciando o

estabelecimento de um vínculo afetivo com o mesmo. Vale lembrar que na década de 1930, o futebol se consolidava como um esporte de grande popularidade entre os cidadãos.” (FERREIRA, 2013, p.56

Figura 4- visita e apresentação do novo terreno da Gavea.



Fonte: Jornal dos Sports, 1932.

Data de acesso: 21/04/2022

Todo o processo de mudança para a Gávea, no Leblon, aconteceu com bastante resistência, pois, foi no mesmo período do surgimento da Favela Da Praia Do Pinto, por mais que inicialmente não tenha sido vinculado nenhuma notícia especulando sobre os motivos da resistência em ir para o novo local, a proximidade com a Favela com certeza foi um dos pontos negativos para um time ainda bastante elitizado.

“Ainda nessa primeira pesquisa no Jornal dos Sports, falava-se bastante sobre a mudança de sede do Flamengo, ora com otimismo e ora com pessimismo, mas sem destacar a relação com a Praia do Pinto. Um dos assuntos mais discutidos foi o processo de profissionalização do futebol, debate que se mostrou muito intenso nesta década.” (FERREIRA, 2013, p.67)

Figura 5- Proximidade Flamengo e Favela Da Praia Do Pinto



Fonte: <http://edgardhoracio.wordpress.com/2011/09/21/vavela-da-praia-do-pinto-flamengo/> Data de acesso: 21/04/2022

Após a mudança do Flamengo para a Gávea, e a Favela Da Praia Do Pinto se formar, era natural que alguns moradores fossem assistir aos treinos, ficando próximos aos jogadores e ao clube. Não só isso, apenas a proximidade geográfica do clube a Favela já passou a ser combustível para que tanto a mídia, quanto a população associasse o clube a Favela, com todos os preconceitos e estigmas que um morador sofre. Várias colunas de jornais vincularam de forma grotesca e racista, o que confirma a afirmação da presente pesquisa ao associar o início do racismo que o clube sofreu a sua mudança para a praia do pinto.

Na coluna Corner, do jornal do Brasil, em 1957, o cronista propôs um concurso em forma de chacota em que o leitor deveria descobrir de qual time o torcedor colocado na coluna era.

“CONCURSO - lançamos hoje um sensacional concurso, ao qual poderão participar todos os nossos leitores, havendo um prêmio de 10 mil cruzeiros além de outros menores. O concurso se intitula "Qual o clube deste torcedor?" E são as seguintes as características a serem consideradas pelos participantes: 1) É preto; 2) Usa chapéu disco voador; 3) Usa calça boca de funil; 4) Tem o corpo cheio de tatuagens; 5) Mora na Praia do Pinto; 6) Tem vinte entradas na polícia.”

Ainda em 1957, o jornalista Theo Drummond, do jornal *A noite*, abordou na sua coluna “saco de gatos” a representação entre o Flamengo e a Praia do Pinto, o torcedor flamenguista, da favela, com bastantes aspectos negativos.

“Disse um vascaíno para um crioulo torcedor do Flamengo: "Olha, rapaz, eu é que sei o que é gozar a vida! Acordo no domingo pela manhã, tomo dois ovos quentes com torradas. Para almoçar vou no melhor restaurante da cidade, como o que quero, pago CR\$ 500,00. A seguir pego um taxi me dirijo para o Maracá, compro uma cadeira numerada e assisto ao jogo tomando umas Brahmás. Terminado o jogo, saio do estádio, pego um taxi e vou pro meu apartamento como um justo". O crioulo do Flamengo pensou e respondeu: "Bom, pois eu acordo no domingo, entro logo na tendinha do seu Manoel, tomo uma cachaça e dou o pendura, rápido. Dou umas voltinhas pela Coreia da Praia do Pinto para fazer hora. Ao meio dia corro pro China pra pegara bola, acabando dou um tiro de 800 metros fugindo do garção. Aí pegoo bonde pro Maracá, quando o conduta vem cobrar aplico o velho golpede berrar "quantas vezes?" Depois, chegando no estádio sento na calçada, boto uns óculos escuros, o chapéu na frente - e em cinco minutos arranjo o da geral. Assisto o jogo, bebo uns cinco copos de água da bica e no final de tudo, como não tenho apartamento arranjo uma confusão, dou umas cabeçadas e vou dormir na santa Paz do Senhor, no xadrez!"

Os textos das colunas *Saco de Gatos* e *Coner* trazem e confirmam uma ideia da época, do Flamenguista tido como marginal, favelado com “Vinte entradas na polícia”. A vinculação direta entre flamengo e a praia do pinto é um dos motivos para que o clube fosse conhecido como “time de favelados”, o período em questão fez evidenciar esse fato pois a favela estava começando a ganhar as imagens negativas.

[...] “Especialmente pelas condições precárias de suas construções e infraestrutura e, sobretudo, pelas características sociodemográficas de seus habitantes, que em sua maioria eram negros ou mestiços, com nenhuma ou pouquíssima escolaridade e possuidores de culturas muitas vezes ligadas aos seus antepassados, que eram consideradas inadequadas para o estilo de vida moderno que a metrópole do Rio de Janeiro buscava ao longo do século XX.”

(FERREIRA, 2013, p.81)

Se na atualidade o estigma do morador da favela é de alguém de má índole, no início do século XX o “Ser favelado” vinha com uma carga negativa ainda maior. Não existiam pessoas que trabalhassem na militância pelo povo da Favela, nem a própria militância existia, a Favela era apenas um lugar onde o “ex escravo” morava, e tudo que fosse próximo dessa realidade, também iria sofrer. Por isso a marca do racismo começou a ser fincada no clube quando o mesmo teve sua imagem relacionada a Favela Da Praia Do Pinto.

O Clube De Regatas Do Flamengo e seu ponto de virada de um time da elite carioca para um time de favelados, com torcedores pretos, pobres, e moradores da favela. Surge o início da popularidade e do clube das massas que hoje é símbolo do clube. E surge também o racismo com o clube e com seus torcedores, que também é uma marca da atualidade.

Infelizmente a marca do racismo não parou na favela da praia do pinto.

## Do marinheiro Popeye ao Urubu

Na atualidade, o torcedor Flamenguista está familiarizado com o mascote do clube, o urubu. Mas como um animal que costuma ter uma imagem negativa do bicho que come restos e carne podre passou a ser o símbolo que carrega um clube de tamanha grandeza?

Em nenhum momento o animal é glamourizado ou colocado com uma imagem positiva, pelo contrário, até nos desenhos o que vemos é o Zeca Urubu, um dos vilões do Pica-Pau. O Urubu é um dos poucos mascotes que representa um clube e que não é símbolo de força, inspiração ou projeção. Além da imagem negativa nas telas e na literatura infantil, o animal está fincado no imaginário social com um sinônimo de mau presságio ou superstição, a urucubaca, a presença do Urubu seria um sinal de morte.

E qual foi o motivo da mudança de um mascote marinheiro, mocinho de desenho infantil, branco e estrangeiro para o urubu?

Vamos voltar para a Praia Do Pinto, que além de todas os estigmas que o próprio ambiente carregava, também tinha a característica de ser um local de descarte de lixo, a mídia relacionava a favela com a presença de urubus atraídos pela quantidade de descartes.

Figura 6- Correio da manhã destaca Urubus na Favela Da Praia Do Pinto.



Fonte: Correio da Manhã, 13/11/1949

Data de acesso: 21/04/2022

“Lentamente a favela da praia do pinto vai invadindo o terreno baldio” diz a legenda da matéria publicada pelo correio da manhã, em 1949. A ideia de ter uma favela

invadindo uma rua, trazendo lixo e sendo atraente para Urubus quando autoridades sanitárias é quem deveriam ter sido responsáveis pelos fatos é um traço da mídia fortalecendo associações dos moradores da favela com lixo, invasão e Urubus. Seria esse o motivo de mais um símbolo racista atrelado ao Flamengo e aos seus torcedores? Além do “título” de favelados, a proximidade geográfica com a favela da praia do pinto levou as torcidas rivais do Rio De Janeiro, nas arquibancadas, fortalecer os gritos de Urubu que começaram com a torcida do Vasco e depois as outras torcidas acompanharam.

Segundo os torcedores que estavam nas arquibancadas, em entrevista a FlaTv, o animal fazia referência a grande massa de torcedores negros que acompanhavam o Flamengo nos jogos, além dos jogadores negros do elenco, que também eram chamados de urubus. Afinal, o Flamengo já não era mais um clube da elite e de forma racista, os clubes rivais comparavam os torcedores rubro-negros com o urubu.

Figura 7- Geraldinos no Maracanã



Fonte: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518\\_03&pagfis=43348](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_03&pagfis=43348) Jornal dos sports (RJ) 1969. Data de acesso: 02/05/2022

Os Flamenguistas conseguiram reverter isso quando, no dia anterior ao clássico Flamengo e Botafogo, foram em um lixão, pegaram um Urubu e levaram para o Maracanã no dia seguinte. Em 2019, comemorando os 50 anos do feito que transformou a história do mascote do Flamengo, em entrevista a FlaTv, Luiz Fernando Pessoa, Romilson Meirelles, Victor Ellery e Erick Soledade relatam como e porque tudo ocorreu.

“Foi uma festa, 90 minutos de festa. Ninguém queria saber de jogo, era só Urubu, Urubu, Urubu” Erick Soledade

“O pessoal dizia que ia dar uma azar tremendo, uma urucubaca, deu foi sorte. A torcida do Vasco era a única que chamava a torcida do Flamengo de Urubu, os botafoguenses e os Fluminenses não

chamavam. E então passaram a chamar os Flamenguistas de Urubu também” Luiz Fernando Pessoa

“Chamavam a gente de Urubu por causa da cor. A grande massa do Flamengo era negra. Tivemos a feliz ideia realmente de soltar um Urubu no jogo seguinte que era contra o Botafogo” Victor Ellery

Nesse momento a mídia impressa da época dedicou seu foco para esse fato, ‘O urubu do flamengo’ tinha dado sorte ao clube que vinha de inúmeras derrotas.

Figura 8- Manchete do Jornal dos Sports após Urubu solto no Maracanã



Fonte: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518\\_03&pagfis=43348](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_03&pagfis=43348) Jornal dos Sports (RJ) 1969. Data de acesso: 02/05/2022

Figura 9- Manchete Jornal Última Hora após Urubu ser solto no Maracanã.



fonte: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico\\_periodico/uhdigital](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/uhdigital) Jornal Última Hora 1969. Data de acesso: 02/05/2022

Figura 10- “Antes de iniciar a partida, a torcida do Flamengo soltou um Urubu”



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019690602C&edicao=Matutina>. Jornal O globo 1969. Data de acesso: 06/05/2022

O Urubu foi oficializado após o cartunista Henfil destacar o urubu do Flamengo em suas charges esportivas, especialmente no Jornal dos Sports, o Urubu tornou-se popular, ganhando espaço e se tornando o mascote oficial do Clube de regatas do Flamengo.

Figura 11- Charge do cartunista Henfil



Fonte: Jornal dos Sports, 1969. Data de acesso: 06/05/2022

Os rivais (Vasco, Botafogo e Fluminense) usavam de estratégia para calar a torcida rubro-negra, e o objetivo do grupo de torcedores era fazer uma afronta ao racismo que a torcida e os jogadores sofriam. O resultado foi melhor que imaginavam.

## **“E pra você flamenguista me escuta, Mulambo imundo!”**

O título desse capítulo é um trecho de um canto da torcida do Fluminense “*Desde pequeno eu te sigo*” que se refere aos flamenguistas como “Mulambos imundos”. As torcidas vão as arquibancadas nos inúmeros estádios de futebol para assistir seus times e cantar em apoio. Os cantos fazem parte da cultura e da história das arquibancadas.

De acordo com o site *Observatório Racial Do Futebol*, o presidente da torcida organizada do Fluminense “Bravo 52” disse ter interesse em mudar esse trecho, o que já foi feito, no lugar a torcida canta “Volta para o remo” fazendo alusão ao berço do Clube De Regatas Do Flamengo. A rivalidade dos times é histórica, teve seu início em 1911, quando metade dos jogadores do Fluminense partiram para o Flamengo após um desentendimento interno, formando então o primeiro time de futebol do clube. Rivalidade cantada no hino do Flamengo, no trecho “*Nos Fla-Flus, é o ai Jesus*”. A mudança do canto, retirando um termo pejorativo, é uma tentativa de combater o racismo nas arquibancadas, são indícios que confirmam um início de uma mudança singela, por reconhecer o racismo e não querer fazer parte disso.

Mulambo é mais um símbolo do racismo que o clube carrega na sua história. A origem da palavra vem da língua quimbundo e significa trapo, pano sujo. Em entrevista ao G1, Gabriel Nascimento, doutor em linguística e autor do livro “Racismo linguístico” explica os usos da palavra Mulambo

"O uso mais comum da expressão mulambo pode ser considerado racista já que ela foi bastante explorada tanto na escravidão quanto no pós. O mais comum é usar esta palavra sempre sob a perspectiva que designa pessoas pretas, perspectiva de que essas pessoas não aparecem bem arrumadas" (GLOBO, 2022)

Na mesma matéria ao G1, o professor Aciomar Fernandes de Oliveira, também falou da vinculação da palavra Mulambo e como a mesma foi usada por anos para definir pessoas negras

"A conotação racista advém do uso desde os senhores de engenho atribuindo aos negros escravizados o termo "mulambo" em razão das roupas que usavam e por isso eram tidos como maltrapilhos, obviamente esse termo reforça uma visão preconceituosa e racista" (GLOBO, 2022)

Uma das melhores coisas no futebol, além do esporte em si e ver seu time ganhar, é a rivalidade sadia que existe entre os clubes, é ir ao estádio e contemplar os gritos das torcidas, a competição pra saber quem canta mais ou mais alto. Porém, isso tudo se perde quando nos deparamos com casos como a conotação racista do urubu e do mulambo.

Por sempre encher as arquibancadas e ter uma torcida de grande volume, passando pelo processo da popularização das massas, como já vimos, o clube se torna um aglomerado de classes sociais, principalmente a classe dita como "favelada" "mulambos"

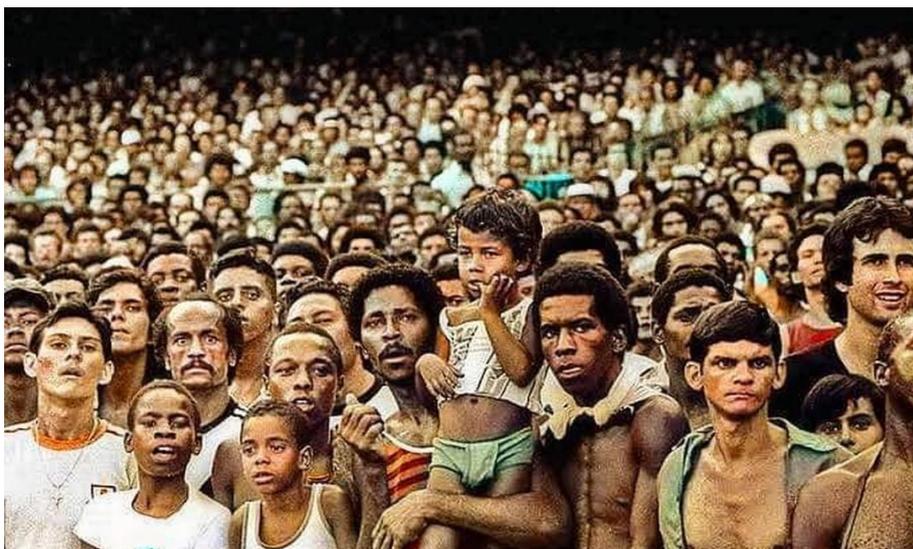
Figura 12- Geraldinos no Maracanã



Arquivo/Agência O Dia, 1950. Geraldinos lotam o setor mais popular do Maracanã durante partida do Flamengo. Data de acesso: 06/05/2022

A imagem acima os Geraldinos, nome dado aos frequentadores do antigo setor geral do Macaranã. Os ingressos tinham preços mais acessíveis, a torcida expressava sua criatividade e se fantasiavam. E o que mais se destacava nos Geraldinos era a quantidade de torcedores negros que frequentavam esse setor. Era onde a Massa flamenguista ficava, o Povão, os Favelados, os Urubus, os mulambos.

Figura 13- Geraldinos no Maracanã



Fonte: O Globo. Data de acesso: 06/05/2022

Toda provocação no futebol nasce da rivalidade, o uso do mulambo é uma das demonstrações racistas contemporâneas confundidas com uma simples provocação da rivalidade. E ainda é constantemente usada como forma se referir aos flamenguistas e aos jogadores.

## **“Honre sempre sua história, tua gloria é lutar”**

Por fim, este trabalho possibilitou entender e explicar as conotações racistas que fazem parte da história do Clube De Regatas do Flamengo. História essa que, por mais linda que seja, é marcada pela mancha do racismo. A relevância desse trabalho se faz presente como uma forma de protesto, não apenas pelo o racismo que aconteceu e hoje foi convertido em símbolos e histórias, mas também pelo o que acontece na atualidade. Hoje, torcedores e jogadores negros são chamados de macacos, Mulambos, favelados. Sofrem racismo escancarado que precisa ser exposto e solucionado.

A grande relevância se faz no momento em que, o leitor ou torcedor conhece essa versão da história do clube, afinal, Flamengo é seu povo. Uma grande nação precisa saber da sua história. O orgulho de ser Rubro-Negro não se resume a títulos. E dentro da gloria de cada clube existe uma luta, a maior luta do Flamengo não é contra adversários em campo, e sim contra o racismo que acompanhou e acompanha o clube.

Para chegar na compreensão da história dos símbolos e conotações racistas que o clube carrega, definiu-se alguns objetivos. Primeiro, saber qual era o contexto do Brasil no ano em que o clube foi fundado, 1895. O esporte disputado na época, era o remo. As tardes de domingo eram dedicadas as regatas. E quando o futebol chegou, o Flamengo demorou a aderir por temer que fosse tirar o brilhantismo do remo. Porém, em ambos os esportes, uma coisa era evidente, a superioridade branca.

Sabendo que o país tinha uma realidade ainda muito escravocrata, era improvável que o negro fosse colocado como profissional, e para jogar o futebol profissional, tinha que vim de boa família, estudar e ser aceito na sociedade. Tudo mudou quando o Clube De Regatas Vasco Da Gama ganhou o campeonato carioca de 1923 com um elenco misto. Jogadores negros e brancos. Em todo esse processo, o Flamengo foi colaborador para a disseminação do racismo do final do século XIX ao início do XX, com a colaboração na criação da AMEA, que em seu regimento, não aceitava jogadores negros.

A questão central dessa presente pesquisa foi chegar na seguinte conclusão: Como um clube que participou ativamente do racismo no futebol, teve seu ponto de virada e se tornou o clube das massas, dos Favelados, dos Mulambos, do Urubu?

Para se atingir essa compreensão, foi analisado, principalmente a relação do Flamengo com a Favela Da Praia Do Pinto, que, ao se mudar para um terreno localizado próximo à favela, passou a sofrer o que os moradores da região sofriam. Logo, o Clube de Regatas Do Flamengo se tornou o time de favelados.

Nem os Urubus que rondavam os lixos da Favela se safaram, pois, além de favelados,

os flamenguistas se tornaram Urubus. Animal que, em 1969, se tornou o mascote do clube quando um grupo de amigos torcedores levaram para o Maracanã como resposta a provocação da torcida rival.

Além disso, também foi analisado o termo pejorativo usado nos dias atuais como forma de insulto, os “Mulambos” termo usado pelos senhores de engenho para se referir aos escravos. É uma palavra de origem Quimbundo e significa trapo, pano sujo. Muito usada na rivalidade regional, é mais uma forma dos clubes rivais costumam se referir aos flamenguistas.

A Favela Da Praia Do Pinto foi o grande responsável pelo ponto de virada do clube. A história dos símbolos racistas do Flamengo está diretamente relacionada a uma sociedade que enxergava o morador da favela como marginal, bandido, incapaz. O imaginário do ser favelado relacionado a violência e a criminalidade. A presença de um time de futebol nas redondezas colaborou para que também fosse visto como tal. A realidade da Favela Da Praia Do Pinto era a mesma de muitas que podemos ver na atualidade, a do abandono, do desprezo, dos pré-conceitos e sem nenhum tipo de ação comunitária que mudaria esse cenário.

Em pesquisas futuras, a pretensão é permanecer com as análises do racismo no futebol brasileiro. O futebol é, ainda na atualidade, palco para o racismo e pesquisas que vão além do TCC devem ser construídas com base nas inúmeras fontes e referências disponíveis. Portanto, a presente pesquisa tem potencial e é o início de grandes coisas que, em seu principal objetivo, se destaca a luta contra o racismo no futebol e na sociedade brasileira.

Escrever sobre essa parte da História do Clube De Regatas Do Flamengo preenche a alma do flamenguista, pois, ao reunir, entender e tentar explicar a origem de símbolos racistas que ainda podemos ver no cotidiano dos jogos e do clube, podemos fazer um protesto e uma justiça que talvez nunca tenha sido feita.

**REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ARAÚJO, Danilo Lucas Lopes de, e Cesar Gomes da SILVA. "A INSERÇÃO DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: ENFOQUE NO RIO DE JANEIRO", 2018.

CASTRO, Ruy **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo** / Ruy Castro. — 1ª- ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FERREIRA, Guilherme Carvalhido et al. **Flamengo, time de favelado!: Representações sociais do Flamengo na mídia impressa dos anos 1930 aos 1960**. 2013.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Muad, 2003. 5ªedição, 2010

GEBARA, Ademir; PILATTI, Luiz Alberto. **Ensaio sobre História e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006.

KOWALSKI, Marizabel, **Por que Flamengo?** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2003.  
SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2006.

SOARES, Antonio Jorge. "O Racismo No Futebol Do Rio De Janeiro Nos Anos 20: Uma História De Identidade. *A Invençãao Do País Do Futebol: Mídia, Raça E Idolatria* (2014).

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: O Clube de Regatas do Flamengo e o imagináriopolítico nacionalista popular (1933-1955)** / -2013

## Fontes

Corner. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, s/ data definida (ano 1957)

DRUMMOND, T. *Saco de Gatos. A Noite*. Rio de Janeiro, s/ data definida (ano 1957).

'MULAMBO' é palavra racista? Veja o que dizem especialistas sobre expressão usada por Djonga que causou polêmica. **G1 Globo**, MG, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/02/23/mulambo-e-palavra-racista-veja-o-que-dizem-especialistas-sobre-expressao-usada-por-djonga-que-causou-polemica.ghtml>. Acesso em: 06 mai. 2022.

TORCIDA do Fluminense deverá alterar termo racista de música que provoca o Flamengo. **Observatório racial do futebol**, 24 nov. 2021. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/torcida-do-fluminense-devera-alterar-termo-racista-de-musica-que-provoca-o-flamengo/>

A HISTÓRIA da foto da geral do Maracanã que ganhou cores e viralizou nas redes sociais. **O Globo**, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/a-historia-da-foto-da-geral-do-maracana-que-ganhou-cores-viralizou-nas-redes-sociais-1-24533103>. Acesso em: 06 mai. 2022.

PUBLICIDADE matou a geral. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 abr. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2404200503.htm>. Acesso em: 6 mai. 2022.

VITORIA de 2 a 1 foi o brado de delírio: Mengo é a alegria. **Jornal dos Sports**, Rio De Janeiro, ano 69, n. 12579, 2 jun. 1969. p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518\\_03&pagfis=43337](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_03&pagfis=43337). Acesso em: 6 mai. 2022.

PAU neles! Henfil. **Jornal dos Sports**, Rio De Janeiro, ano 69, n. 12581A, 4 jun. 1969. p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518\\_03&pagfis=43361](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_03&pagfis=43361). Acesso em: 6 mai. 2022.

ANTES da partida, a torcida do Flamengo soltou um Urubu. **O Globo**, Rio De Janeiro, ano 69, n. 13210, 2 jun. 1969. p. 9. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019690602C&edicao=Matutina>.

Acesso em: 6 mai. 2022.

URUBU pousou na sorte do Botafogo. **Última Hora**, ano 69, 2 jun. 1969. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico\\_periodico/uhdigita](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/uhdigita).

Acesso em: 10 mai. 2022.

DELÍRIO da torcida foi nôvo carnaval. **jornal dos sports**, ano 69, n. 12579, 1 jun. 1969.  
disponível em:  
[http://memoria.bn.br/docreader/docreader.aspx?bib=112518\\_03&pagfis=43348](http://memoria.bn.br/docreader/docreader.aspx?bib=112518_03&pagfis=43348).

acesso em: 4 mar. 2022.

URUBUS na Favela Da Praia Do Pinto. **Correio Da Manhã**, ano 69, 13 nov. 1949.

RESPOSTA HISTÓRICA COMPLETA 95 ANOS. **NetVasco**, 7 abr. 2019. Disponível  
em: <https://www.netvasco.com.br/n/228415/resposta-historica-completa-95-anos>.

Acesso em: 21 abr. 2022.

O INÍCIO DO FUTEBOL. Flamengo. Disponível em:  
<https://www.flamengo.com.br/historia-inicio>